

UMA ANÁLISE SOBRE AS MOÇÕES VOLUNTÁRIAS - DESEJOS E LOUCURAS - EM THOMAS HOBBS.

Luana Broni de Araújo
Universidade do Estado do Pará

Introdução:

O pensamento humano é produto de objetos exteriores ao nosso corpo, que atuam sobre os nossos sentidos que são: visão, olfato, audição, paladar e tato. Esses objetos movimentam-se e assim produzem diversas aparências no nosso intelecto, isto deve-se à nossa sensação, ou seja, à nossa capacidade de receber informações através dos nossos sentidos, dos objetos que estão entrando em contato com eles. Por exemplo, o ato de considerar o fogo quente ou o gelo frio nada mais é que qualidades sensíveis em que a matéria do objeto movimenta-se e atua sobre os nossos sentidos. Há uma diferença entre o objeto real e a fantasia causada em nós, através de sua movimentação e sua atuação sobre os órgãos dos nossos sentidos.

Quando somos capazes de observar um objeto e através da sensação reter suas características, de modo que se eu fechar os olhos um segundo depois de ter observado o objeto, conseguirei conceber as características em minha mente. E mesmo que se passe dias, semanas, meses sem ver aquele objeto, eu ainda assim consigo concebe-lo em minha mente, é claro que de forma menos nítida, visto que o passar do tempo enfraquece a imaginação sobre determinado objeto. Portanto, este fenômeno é chamado de imaginação. Quando referimo-nos a nossa sensação declinante, no sentido de envelhecer,

chamamos à isto de memória. A imaginação e a memória são a mesma coisa, porém, são denominadas de forma diferente de acordo com as situações e as considerações que desejamos fazer.

A nossa memória mesmo que desgastada pode ser comparada à arquivos que demonstram nossas vivências, nossos aprendizados, portanto é um acervo da nossa própria experiência.

Da série de imaginações

Uma imaginação sucede a outra imaginação e essa sucessão de imaginações compreende-se com a passagem de um pensamento a outro. É importante ressaltar que nenhuma imaginação que possamos ter, é oriunda do acaso e sim de alguma sensação que tenhamos tido no campo da experiência, isto aplica-se também a transição de uma imaginação a outra, estas, primeiro passaram pelas nossas sensações desencadeadas pela ação de algum objeto.

Portanto, existem dois tipos de série de imaginações: *a desorientada e a orientada*. A primeira espécie concerne aos pensamentos que estão alicerçados em fim ou objeto de alguma paixão ou desejo que culmina com a flutuação dos pensamentos de modo incoerente, algo similar com o que acontece nos sonhos. Antes de mais nada, o que são sonhos? São movimentos que procedem do interior dos nossos órgãos. É comum sonharmos com situações absurdas, que estão longe do nosso cotidiano ou de nossa realidade, por isso ao acordamos ficamos confusos com aquelas imagens produzidas pela nossa mente que pareceram tão reais, isto é explicado, porque ao entrarmos em descanso nossos órgãos sensoriais ficam em repouso, em estado de letargia e não estando articulados com algum objeto, o corpo acaba se concentrando nos seus próprios movimentos internos e não nos externos, tornando os sonhos mais nítidos.

A segunda espécie esta pautada e regulada por algum desejo ou desígnio. Quando os homens possuem desejo ou aversão por algo, estas impressões causadas por algum objeto ou pessoa são intensas e permanentes e mesmo que cessem por algum momento, tendem a voltar em seguida. O desejo ou aversão proporciona ao homem o pensamento, o raciocínio de examinar todos os atalhos, caminhos e possibilidades existenciais de se chegar ao objeto desejado. Mesmo que o raciocínio se perca, saia da sua rota inicial que é satisfação do desejo, ainda assim, serão reconduzidos ao caminho inicial, desde que o objeto dado deixe de ser alvo apenas de desejo e seja portanto uma realidade. “(...) Em todas as vossas ações considerai sempre o que quereis possuir, pois isso direcionará todos os vossos pensamentos para o caminho que proporcionará seu alcance” (HOBBES, 2012, p.28)

O homem é o único ser que constitui o pensamento pautado na imaginação de uma coisa qualquer, procurando determinar os efeitos que possam vir a ser causados, ou seja, imaginar o que podemos fazer com algo assim que possuí-lo. Quando desejamos muito algo, sempre somos capazes de imaginar esse algo conosco. Por exemplo, desejamos muito passar no vestibular, e mesmo que não tenhamos passado ainda, sentimos como poderíamos ser com esse desejo alcançado. Imaginamos a universidade, as salas, os professores, os livros, o futuro depois de formado exercendo aquela profissão escolhida.

Da origem interna das moções voluntárias

Entende-se por moção a reação à ação produzida pelos nossos órgãos dos sentidos. Ou seja, quando um objeto movimenta-se sobre os nossos órgãos dos sentidos, provocando portanto uma espécie de ação entre nossos

órgãos internos que desencadeiam-se em desejos ou aversões aos objetos atuantes ao nosso corpo no campo experimental.

Contudo, essa reação não é relativa a um único movimento causado por um único objeto, ela é sim uma reação à ação dos movimentos de vários objetos que, por sua vez, são ligados à experiência acumulada na imaginação. (SILVA, Hélio Alexandre da, 2009, p.77-8)

Os animais apresentam dois tipos de moções: *as vitais e as voluntárias*. As moções vitais são aquelas que nos acompanham desde o nascimento, como: respiração, excreção, digestão, circulação do sangue, pulsação. Já as moções voluntárias são aquelas desencadeadas pela nossa imaginação, ou seja, tem sua origem primária na sensação dos nossos órgãos internos que se manifestam a partir do momento em que entramos em contato com um objeto que exercem ações sobre os nossos sentidos. As moções voluntárias estão atreladas ao nosso modo de andar, falar, agir, movimentar-se de modo como foi imaginado pela nossa mente. A imaginação é considerada portanto o princípio interno de toda moção voluntária.

A imaginação recebe o conteúdo experiencial e, posteriormente, trabalha esse conteúdo em um cálculo de apetites e aversões (deliberação) de modo a produzir uma ação. (SILVA, Hélio Alexandre da, 2009, p.80)

Antes mesmo de haver a fala, a movimentação de algum membro do nosso corpo ou o andar, existem antes das ações citadas, os esforços (*conatus*). O conatus é o princípio do movimento voluntário das paixões e é responsável por mediar o movimento dos corpos exteriores sobre o nosso corpo e o desencadeamento da ação. Os esforços nada mais são que ações invisíveis que agem dentro do nosso próprio corpo que tendem a nos levar à uma ação.

Esses esforços que atuam sobre a parte interna do nosso corpo são respostas à um objeto externo a nós. Haverá casos em que entraremos em contato com um objeto e este nos agradará, portanto teremos um esforço

voltado para a aproximação do objeto, caso o objeto não nos agrade, teremos um esforço voltado para o afastamento deste. Portanto, cada homem possuirá uma determinada sensação sobre um objeto, que desencadeará em uma reação sobre um objeto dado. Os homens não tendem a se apaixonar e nem ter aversão todos pelas mesmas coisas.

Os seres humanos tendem a desejar aquilo que amam, e possuem aversão aquilo que odeiam. Quando o homem possui desejo sobre alguma coisa é porque ele não tem posse sobre esta, e quando o homem ama uma determinada coisa é porque esta a possui. Assim funciona também com a aversão e o ódio. A aversão é a ausência de algo, o ódio é a presença deste. Hobbes ao dizer que o apetite e aversão são paixões de onde se originam as ações voluntárias, ele quer dizer que os movimentos internos dão origem à uma ação externa que busca se aproximar do objeto (no caso do apetite) e tende a se afastar (no caso da aversão)

O ser humano tem o desejo de experimentar coisas que não conhece ou nas quais não crê. Já a aversão, o ser humano a tem pelas coisas que o prejudicaram e também por coisas que, talvez, possam vir a causar-lhe algum mal. (HOBBS, 2012, p.49)

Existem coisas que não são amadas e nem odiadas, chamam-se portanto de depreciadas. Quando depreciamos algo é porque a ação daquela coisa sofre uma resistência por parte dos nossos órgãos ou a ação de outros objetos são mais intensas e obscurecem a ação daquelas ou há ausência de conhecimento sobre a coisa depreciada.

Os objetos que são desejados e amados pelos homens são considerados bons, logo os objetos que são motivos de aversão e ódio dos homens são considerados maus. Ora, as palavras “bom” e “mau” não estão atreladas à essência do objeto e as suas características, estas palavras são invenções dos homens para diferenciação daquilo que lhe beneficia ou lhe prejudica de algum modo. “Nada é simples e absoluto, nem nenhuma regra do

bem ou mal pode proceder da natureza dos objetos, mas, sim, do homem.” (HOBBES, 2021, p.49)

O bom possui uma aparência ou uma sensação de prazer e deleite, enquanto aquilo que é mau possui uma aparência ou sensação de incômodo e desagrado. Tanto o prazer e o deleite, quanto o incômodo e o desagrado possuem intensidades diferentes de homem para o homem. Logo, uns desejam e amam mais, outros menos. Uns sentem mais aversões e ódio, enquanto outros menos.

O prazer é uma manifestação da moção. E existem dois tipos de prazer: *os das sensações e os da mente*. Os prazeres oriundos das sensações estão relacionados com algum objeto presente, ou seja, o objeto que agrada aos sentidos, tornando-se portanto prazeroso e deleitoso. Os prazeres oriundos da mente são aqueles que estão relacionados com a previsão do fim ou consequência das coisas (a atuação do objeto e finalidade dele). Apenas o homem pode pensar sobre a consequência de algum objeto, os outros animais não apresentam esta capacidade.

As diferentes faces da paixão

A palavra “paixão” nos induz a pensar em algo terno e agradável, mas o termo abrange muito mais que isso. Inclui-se nesta palavra os termos e sentimentos de ódio, aversão e pesar, assim como admite-se os termos e sentimentos de amor, alegria, desejo. Esses termos passionais mudam de acordo com a situação em que aquele que sente se encontra e de acordo com a mudança do objeto visado.

O apetite ligado a ideia de alcance chama-se *esperança*, o apetite sem esta ideia chama-se *desespero*. A aversão ligada ao medo de ser ferido pelo objeto chama-se *temor*, a aversão ligada a resistência de não ser ferido pelo

objeto chama-se *coragem*. O desejo de fazer bem ao próximo chama-se *benevolência*, o desejo de prejudicar o próximo por algo feito no passado chama-se *afã de vingança*. O amor ligado a sociedade chama-se *amabilidade*, o amor ligado a uma única pessoa chama-se *paixão amorosa*. O pesar ligado a descoberta de falta de capacidade chama-se *vergonha*.

O conjunto de aversões e desejos, esperanças e temores até que a coisa proposta seja feita chama-se deliberação. E o que seria deliberação? É o esforço que aplicamos para conquistar ou afastar algo de acordo com a necessidade de nossa moção (desejo ou aversão). A deliberação só pode ser aplicada no presente ou no futuro em coisas que apresentam possibilidades de realização, visto que não se pode mudar o passado e nem agir sobre eles e não se pode conquistar algo que seja admitido como impossível.

Assim, não existe deliberação a respeito das coisas passadas, pois é impossível mudar o passado, nem também a respeito de coisas que sabemos inatingíveis, ou imaginamos que o sejam, pois os homens sabem ou pensam qual tal deliberação será inútil. Mas podemos deliberar sobre coisas impossíveis que imaginamos possíveis, por não sabermos que será o esforço vão. (HOBBS, 2012, p.55)

Quando o apetite ou a aversão encontra-se bem perto da coisa, ou seja, da ação ou omissão chama-se *vontade*. Entende-se e concebe-se a vontade como o último apetite da deliberação. E quando o homem alcance aquilo que mais quer, toma posse da coisa almejada, a isto chama-se *felicidade*.

O surgimento da loucura

Virtude de pensamento são aquelas atitudes da mente que os homens valorizam, apreciam e gostariam de tê-las. Existem dois tipos de virtude: *natural* e *adquirida*. A virtude natural está relacionada com o talento no que manifesta-se no campo experimental da vida de um homem, sem nenhuma intervenção

de métodos, cultura e instruções. Geralmente é caracterizado por uma imaginação rápida e direcionamento certo ao fim proposto. A virtude adquirida é aquela que se relacionado com os meios de instruções, e fundamenta-se no uso correto da linguagem e da ciência.

O homem que tem um bom talento e uma boa imaginação é aquele que consegue comparar as coisas, de modo que tenha conhecimento das suas semelhanças e das suas diferenças, e possa analisar o fim proposto. Ora, quando se pode julgar as coisas e observa-las, a isto chama-se bom senso. E quando o homem torna-se capaz de distinguir tempos, pessoas e lugares, a isto chama-se discernimento.

Uma imaginação sem um raciocínio não pode ser considerada uma virtude, porém um raciocínio acompanhado do discernimento não necessitam de uma imaginação e podem ser considerados como virtude. O discernimento consiste no homem ter consciência dos lugares que habita e não reproduzir atitudes ou palavras que sejam incoerentes com o ambiente no qual está inserido.

Nos casos de deliberada dissipação da mente e no ambiente familiar, um homem pode brincar com sons e significações equivocadas das palavras, coisa que em algumas ocasiões traduz extraordinária imaginação. Entretanto, num sermão, em público, diante de pessoas desconhecidas ou diante daquelas que respeitamos, tais jogos de palavras não podem ser consideradas senão como loucura manifesta. (HOBBS, 2012, p.64)

Há uma diversidade de talentos graças à diversidades das paixões. Ou seja, os talentos originam-se primordialmente nas paixões. É importante destacar que essas diferenças de paixões entre homens está ligada a desigualdade de costumes e educação. As paixões que causam as maiores diferenças de talentos são: *desejo de poder, de riquezas, de conhecimento e de honrarias*. Esses quatro pilares podem ser chamados também de afã de poder e é isto que

os homens buscam durante toda a sua vivência, o poder. O homem que é indiferente ao poder é considerado sem imaginação e sem bom-senso.

De fato, não ter desejos significa estar morto; ter paixões fracas é embotamento; ter paixões indiferentemente por tudo é irreflexão ou abstração; ter uma paixão mais forte e veemente por algo do que é comum aos demais homens chama-se loucura. (HOBBS, 2012, p.65-6)

A loucura possui tantas classes quanto à paixão. Existem paixões extravagantes e excessivas que originam-se através de órgãos do corpo constituídos de forma defeituosa, ou originam-se por algum mal, seja lá como for, a loucura surge através do exagero de uma paixão. O orgulho tende a conduzir o homem à ira, o seu excesso à loucura, denominada raiva ou fúria. O amor excessivo acompanhado do ciúme, denomina-se raiva. Aquele homem que acredita ser dotado de inspiração divina, que se acha sábio demais, experiente e que possui um bom senso, a esta conduta chama-se irreflexão ou perturbação mental. A depressão (o mal deste século), pode ser chamada também de loucura, o medo de relacionar-se com o outro e até mesmo com as coisas. “(...) O império das paixões ao lhe impor sua tirania, perturba todo o espírito e a vida desse homem” (AGOSTINHO, 1995, p.53)

Todas as paixões que levam os homens à terem condutas estranhas e incomuns, a isto denomina-se loucura. A loucura manifesta-se nos homens, e são duas as teorias sobre ela. Alguns homens dizem que a loucura surge do excesso de uma paixão em um homem, e este chama-se de louco. Mas há também os que dizem que a loucura surge dos espíritos (bons ou maus) que possuem e tomam conta do corpo de um homem e agitam os seus órgãos internos, a este homem possuído pelo espírito chama-se *demoníacos* (possuídos pelos espíritos), e *energúmenos* (agitados pelos espíritos)

Cada tempo histórico tinha sua concepção de loucura. Chamava-se de espírito a inspiração do bem e do mal que atuavam sobre os homens. Quando a inspiração era boa, intitulava-se o homem de profeta, quando a inspiração

tinha inclinação para o mal intitulava-se de endemoninhado. Outrora, alguns chamavam tanto os profetas quando os endemoninhados de loucos. Para os pagãos tanto a enfermidade quando a saúde, as virtudes e os vícios poderiam ser chamados de demônios, porém, aos judeus a mesma ideia foi aplicada a que parece muito estranho, visto que nem Moisés, nem Abraão tinham a pretensão de profetizar sob a possessão de um espírito, mas sim pela palavra de Deus que manifestava-se através de uma visão ou de um sonho.

Quando os profetas propagavam os ensinamentos de Cristo, eles não estavam possuídos por um espírito bom, mas sim, receberam a palavra de Deus por um sonho e transmitiram para a realidade e experiência da época. Então, o que leva ao homem crer em espíritos sejam eles bons ou maus? O homem ao deparar-se com ações diferentes no seu dia-a-dia, coisas e ações que não podem ser explicadas pela razão, o homem atribuiu estas ações ao campo sobrenatural, ou seja, à possessão de um espírito bom (Deus), ou à possessão de um espírito mau (demônio) na mente de um homem. Aqueles que se comportavam de modo extraordinário, de modo diferente eram considerados pelos judeus como possuídos por algum espírito.

Efetivamente, quem encontra uma habilidade ou falha estranha e incomum numa mente humana, a menos que se dê conta da causa que provavelmente o originou, dificilmente pensará que se trata de uma coisa natural, e, se não é natural, haverá de ser sobrenatural; que pode então ser isso, senão Deus ou o demônio nessa mente? (HOBBS, 2012, p.70)

Portanto, para Thomas Hobbes as Sagradas Escrituras tornou-se sua referência teórica em relação ao tema da loucura. Ele acreditava e postulou isso no seu livro *Leviatã*, que a loucura surge através de um excesso da paixão e não pelos espíritos como muitos acreditavam.

Não vejo, pois, absolutamente nada nas Escrituras que me obriguem a crer que os endemoninhados fossem qualquer outra coisa, senão loucos. (HOBBS, 2012, p.71)

Thomas Hobbes postulou que os endemoninhados possuem em si um excesso de paixões que formam aquilo que conhecemos como: *loucura*. Os endemoninhados não são nada mais do que homens loucos, homens que perderam-se na intensidade de suas paixões e tomaram para si, atitudes desviantes e estranhas perante à comunidade.

Considerações Finais

As nossas paixões são construídas e estruturadas de forma complexa, segundo Thomas Hobbes. Surgem de uma movimentação interna que ocorre no nosso corpo, tendo a imaginação como precursora, e o conatus como princípio do movimento desencadeando e nos levando a duas vias distintas: ao desejo ou aversão à um determinado objeto. A partir de um desejo ou de uma aversão somos capazes de exercer uma ação em busca do objeto ou no afastamento deste. Ou seja, as paixões nos proporcionam as ações do nosso cotidiano.

As paixões devem ser controladas pelo nosso campo racional, pela nossa razão. A partir do momento em que falhamos racionalmente, e deixamos que nossas paixões regem e alimentem nossa vida, produzindo o excesso, nos perdemos dentro de nós mesmos, produzindo uma mente conturbada e altamente inclinada para erros, transformando-nos em loucos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGOSTINHO, Santo. O livre arbítrio. 2^oed. São Paulo: Paulus, 1995 – (Patrística)

HOBBS, Thomas. Do cidadão. São Paulo: Martins Fontes, 1992

HOBBS, Thomas. Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. 2^oed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

LEIVAS, Cláudio R.C. “Paixão, democracia e deliberação em Hobbes e Walzer.” Trans/Form/Ação vol.32 n^o2, 2009. p.1-12

SILVA, Hélio Alexandre da. As paixões humanas em Thomas Hobbes: entre a ciência e a moral, o medo e a esperança. 1^oed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.